

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

IAGO DANÍSIO MACHADO DE SOUSA

**A PLATAFORMA QUE SUSTENTA O SUJEITO:
UM OLHAR SOBRE O NARCISISMO NA ERA DIGITAL**

SÃO LUÍS – MA

2021

IAGO DANÍSIO MACHADO DE SOUSA

**A PLATAFORMA QUE SUSTENTA O SUJEITO:
UM OLHAR SOBRE O NARCISISMO NA ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Orientador: Prof. Dr. Carlos Cardoso Costa
Filho.

SÃO LUÍS - MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Iago Danisio.

A plataforma que sustenta o sujeito: : Um olhar sobre o narcisismo na era digital / Iago Danisio Sousa. - 2021.
42 p.

Orientador(a): Carlos Antônio Cardoso Filho.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Narcisismo. 2. Plataforma. 3. Pulsão. 4. Redes Sociais. I. Cardoso Filho, Carlos Antônio. II. Título.

IAGO DANÍSIO MACHADO DE SOUSA

**A PLATAFORMA QUE SUSTENTA O SUJEITO:
UM OLHAR SOBRE O NARCISISMO NA ERA DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Orientador: Prof. Dr. Carlos Cardoso Costa
Filho

Aprovada em ___/___/___

Nota (_____)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Carlos Antônio Cardoso Filho
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão
(UFMA)
Allyson de Andrade Perez
Centro Universitário Dom Bosco (UNDB)

Prof. Pós Dr. em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC-SP)
Márcio José de Araújo Costa

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Dedico este trabalho às três mulheres da minha vida: Clarice Passos Coelho, Norma Solange Machado Passos, Francisca Machado Passos

AGRADECIMENTOS

A Clarice Passos Coelho, mulher de personalidade forte e sensatez, irmã cuidadosa e principalmente, encorajadora.

A Norma Solange Machado Passos, tia que tomou para si o lugar de verdadeira mãe, de abraço terno e paciência imensurável.

A Francisca Machado Passos, avó e mãe de todas as mães, abraça o mundo com as mãos se lhe for possível e oferece acalanto sem cobrar nada em troca.

A Rodrigo Viana Passos, que não deixou de acreditar que o processo de escrita era não só possível como fácil de se fazer se eu acreditasse que também era.

A Mirela Costa Alves, companheira que me ajudou dividindo alegrias e principalmente estando ao meu lado em momentos extremamente difíceis.

Ao orientador deste trabalho Carlos Antônio Cardoso Filho, que soube conduzir com maestria e paciência a organização do mesmo.

Aos membros da banca, Márcio Costa e Allyson Perez, pela aceitação da avaliação deste trabalho e escuta clínica em sessões de psicanálise.

Ao próprio processo de análise pessoal, que insistindo em me tirar do lugar de inércia, me possibilitou a ampliação de meus horizontes e me fez entender até onde os meus desejos podem ir.

"Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste" (Sigmund Freud).

RESUMO

A presente pesquisa surge em um cenário de intenso crescimento do setor de tecnologia, que se utilizando de plataformas, integra usuários, inteligências artificiais, algoritmos e até outras plataformas contribuindo para a geração de lucro. Chamamos a atenção a observação das interações do usuário que ao atuar sobre uma plataforma, acaba por se exibir e olhar o outro que se exhibe também, doando seus dados para empresas que oferecem este serviço. A investigação irá se utilizar dos conceitos de Freud e Lacan acerca do narcisismo presente nesses atos, bem como as demais teorias do Eu em psicanálise, no cenário da plataforma. Aborda-se no decorrer deste trabalho, as noções de plataformas e suas características, algoritmos e sua função, formação de bolhas virtuais, bem como articulações acerca do conceito de narcisismo como formador do Eu e observações sobre este conceito na prática virtual e não virtual. Logo, o objetivo da pesquisa é investigar, afinal, qual a relação entre a plataforma e o narcisismo na contemporaneidade e qual sua importância na clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Plataformas, Narcisismo, Redes Sociais, Pulsão.

ABSTRACT

This research appears in a scenario of intense growth in the technology sector, which, using platforms, integrates users, artificial intelligence, algorithms and even other platforms contributing to the profit generation. Our attention is drawn to the observation of user interactions that, when acting on a platform, end up showing off and looking at the other who also shows up, donating their data to companies that offer this service. The investigation will use the concepts of Freud and Lacan about the narcissism present in these acts, as well as the other theories of the Self in psychoanalysis, in the scenario of the platform. In the course of this research, the notions of platforms and their characteristics, algorithms and their function, formation of virtual bubbles, as well as articulations about the concept of narcissism as a constitutive of the Self and observations about this concept in virtual and non-virtual practice are addressed. Therefore, the objective of the research is to investigate, after all, what is the relationship between the platform and narcissism in contemporary times and its importance in psychoanalytic clinic.

Keywords: Platforms, Narcissism, Social Networks, Pulsion.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. O PALCO VIRTUAL	15
2.1. Plataformas.....	15
2.2. Algoritmos e os rastros que deixamos na web	19
2.3. O indivíduo divisível	22
2.4. Bolhas.....	25
3. SOBRE O NARCISISMO.....	28
3.1. Narcisismo como sendo constitutivo do sujeito	29
3.2. Vias de observação do Narcisismo no cotidiano	32
3.3. Eu ideal e Ideal de Eu	34
4. NARCISISMO 2.0.....	36
4.1. Narcisismos na tela.....	36
4.2. Narcisismo x Plataforma	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, diversas mudanças no modo de vida dos indivíduos e suas relações uns com os outros estão ocorrendo a todo o momento e numa velocidade mais rápida em relação a tempos mais antigos na história da humanidade.

Quando falamos aqui de contemporaneidade, nos referimos à "pós-modernidade", onde Lyotard (2009) em seu livro *A Condição Pós-Moderna* nos mostra certas mudanças ocorridas na ciência e produção de saber em sociedades mais desenvolvidas. Trata-se da perda da força de instrumentos modernos, do discurso metalinguístico, da preocupação com uma justiça social e bem maior para a humanidade. O cientista ou pesquisador acaba por se preocupar na eficácia dos sistemas, dos resultados práticos, do "mais trabalho em menos tempo", do acúmulo de informações, desta maneira fazendo com que a produção científica tenha o status de mercadoria e gerando riqueza para a nação que as possui, como vemos neste trecho:

O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu "valor de uso". Sabe-se que o saber tornou-se nos últimos decênios a principal força de produção, que já modificou sensivelmente a composição das populações ativas nos países mais desenvolvidos e constitui o principal ponto de estrangulamento para os países em vias de desenvolvimento. (LYOTARD, 2009, p. 5)

Assim, o saber, pensado por Lyotard como saber técnico-científico, mas igualmente cultural, não pode ser dissociado da proliferação da tecnologia digital e das redes de saberes que se disseminou no mundo com o advento da internet e sua proliferação mundial na década de 1990 em diante. Na dita pós-modernidade, com a corrida pela informatização e eficiência dos sistemas, observamos nas últimas décadas a mutação na cultura, política, linguagem, moral, e economia nas sociedades mais bem desenvolvidas e em desenvolvimento, como o Brasil. Tais mudanças estão acontecendo diariamente ao passo que a sociedade avança em suas tecnologias e na criação e compartilhamento de informações.

De quais mudanças estamos falando e através de que e como elas vão ocorrendo e sendo estimuladas?

A internet sem dúvida é o maior banco de informações criado pelo ser humano até agora. Em tempos atuais, se tornou uma ferramenta indispensável no cotidiano do homem contemporâneo, que incorporou os computadores, tablets e smartphones e desempenha diversas atividades ao mesmo tempo, sem o esforço de outrora. A internet e o mundo virtual alteraram e está alterando a subjetividade do sujeito contemporâneo, que acredita não perder mais tempo na realização de desejo.

Em seu livro intitulado *O show do Eu*, Paula Sibilia (2008) traça em seus primeiros capítulos um panorama sobre o mundo virtual da internet e sua expansão, influenciando diretamente o comportamento das sociedades em constante processo de informatização, e nos apresenta o que se entende por *revolução da web 2.0*. Segundo a autora, "esta expressão foi cunhada em 2004, em um debate no qual participavam vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício" (Sibilia, 2008, p. 14) e representa um verdadeiro caldeirão de novidades na web, onde nos transformamos em grandes personalidades, criando diversos "eus" que exibem e se exaltam, influenciando uns aos outros, inclusive estimulando o consumo de mercadorias, como veremos mais adiante.

Não estamos mais sob o domínio do pai supremo, e sim, vivendo em um mundo onde não se dita mais regras, muito menos horários, afinal, a internet está "aberta" 24 horas por dia e parece ser um campo de todos, feitos de vários eus, democrático e extremamente atraente por estas e outras características que poderemos ver mais a frente, como é o caso dos aplicativos ou *apps* e sua praticidade.

Estes, os aplicativos, revolucionaram a maneira de viver das sociedades contemporâneas. Podemos ver exemplos desta mudança em diversas áreas, como por exemplo, em relação às variadas mídias. Em tempos mais antigos, para se ouvir música, era necessário ir à um concerto, esperar que esta fosse viabilizada por radio transmissão, ou adquirir uma cópia desta, seja gravação em fitas cassetes, vinil, cd, ou qualquer outra mídia superada. Com o advento da internet e aplicativos em *streaming* como o *Deezer*, *Spotify*, entre outros, o desejo de ouvir música é realizado em poucos cliques onde quer que o indivíduo esteja, basta que o mesmo tenha um aparelho compatível com esta tecnologia.

Não é mais necessário que se vá ao cinema para acompanhar os mais diversos filmes e tramas de seu interesse, tampouco esperar que estas obras sejam colocadas em VHS ou DVD para uma compra ou aluguel posterior deste produto. A sociedade acompanhou o declínio das famosas locadoras de vídeo, pois afinal, um espaço virtual pode oferecer as mais diversas obras em instantes e por um valor mensal em dinheiro. É o caso do popular site/aplicativo, *Netflix*.

Falando-se de valor em dinheiro, a economia também foi afetada. Comprar e vender se torna mais fácil, prático, rápido, e até mais econômico do que se dirigir à uma loja física pois as mesmas já oferecem seus próprios aplicativos. Qualquer indivíduo que nunca tenha comercializado algo, tem a possibilidade de fazer suas negociações com outras "pessoas comuns", trocando, comprando ou vendendo produtos usados ou novos através de aplicativos como *Olx* e *Mercado Livre*.

Ainda na busca pelo menor preço, as pessoas já estão utilizando aplicativos que intermediam outros sites/aplicativos comerciais, comparando os valores de determinado produto ou serviço, podemos citar o exemplo do *app Promobit*, e o popular *Trivago*, que compara preços de hospedagem.

Youtubers e *Digital Influencers* ganham presentes e outras regalias quando obtém certo grau de fama. As grandes empresas estão confiando em "pessoas comuns" para divulgarem seus produtos, ideias ou serviços. Não mais pagando somente por propagandas televisivas ou em transmissões de rádio, mas tirando proveito de "canais" na internet, reconhecendo seu poder de propaganda massiva.

O usuário da rede mundial de computadores já pode realizar diversos desejos como supracitado, incluindo aqueles que seriam criticados pela moral cristã, ou os que são surreais ou impossíveis no real. Em diversos jogos e entretenimentos online, onde por trás de uma figura (avatar) personalizada pelo usuário, este pode realizar atividades das mais variadas possíveis como andar, correr, pular, dançar, beijar, atirar e matar; ou em alguns casos, manter relações sexuais virtuais com outros usuários. A pornografia é vista em diversos sites e propagandas na *web*, se inovando e reinventando, fugindo do conceito padrão do ato *voyeur* de assistir aos vídeos eróticos, mas oferecendo a oportunidade àqueles que possuem quaisquer fetiches, de realizá-los na fantasia, até mesmo disponibilizando sites que possibilitam a interação ao vivo de pessoas através de suas *webcams*. Homens, mulheres, casais, transexuais entre outras categorias podem ser selecionadas em

um menu interativo, dependendo da preferência do usuário, como no caso do site *Chaturbate* e o popular site brasileiro *Camera Privê*.

Para relacionamentos, ou encontros eróticos, virtuais ou não; a internet oferece uma vasta opção de sites e aplicativos. São exemplos de sites que promovem o bate-papo através de combinações de perfis criados pelos usuários: *Tinder*, *Badoo*, *Par Perfeito*, *PlentOfFish* (POF), entre outros.

Ainda no tocante à relacionamentos virtuais, podemos citar as famosas redes sociais como *Facebook*, *My Space*, *Orkut* (mais popular no Brasil nos anos 2000), *Twitter* e *Instagram*.

Para encerrar esta pequena amostra do que o mundo virtual nos possibilita, citemos dois aplicativos polêmicos dentro da comunidade de profissionais de psicologia. Os aplicativos *OrienteMe - Psicólogo Online* e *Fala Freud*, disponíveis para o sistema *Android* na *Google Playstore*, têm como serviço, oferecer um profissional qualificado de psicologia disponível para consultas virtuais, dependendo do plano escolhido que varia entre R\$ 6,00 a R\$10 reais por dia. Esses aplicativos prometem encaminhar o usuário a um profissional que lhe atenderá através de uma tela, ao vivo, dependendo da demanda do mesmo, como: problemas de ordem mental tal qual ansiedade, stress, transtorno de estresse pós-traumático, etc.

Poderíamos citar vários outros sites e aplicativos que "facilitam" as nossas vidas, mas não é o intuito deste trabalho focarmos apenas nos aplicativos, mas identificar como este novo modo de viver, se relacionar, comprar e oferecer serviços, realizar tarefas, afeta o cotidiano do homem contemporâneo. Percebemos com esta visão mais caleidoscópica da internet e seus instrumentos, que esta mudança dos modos de vida na contemporaneidade trazida nestes exemplos é muito atual e está cada vez mais presente em debates científicos ou no dia a dia de cada sujeito falante.

É preciso estar atento à nova linguagem e os modos de subjetivação na contemporaneidade e buscar uma compreensão de como a realidade paralela da internet afeta o sujeito que está "conectado" à essas tecnologias, dentro e fora da clínica psicológica.

2. O PALCO VIRTUAL

2.1. Plataformas

Não precisamos de mais evidências de como a internet se tornou essencial para muitos indivíduos, tal como outros instrumentos que geraram discussões, cada um em sua época, como o uso de automóveis ou da própria energia elétrica. Se nos damos conta de que “não podemos viver mais” sem a internet, ou melhor, que viver sem ela é sinônimo de outra vida, mais alheia e em contramão do progresso tecnológico; se passamos a utilizar aplicativos, e toda a parafernália tecnológica que nos é oferecida ou, de certa forma, forçada; alterações no psiquismo e modos de nos relacionarmos vão ficando mais evidentes. Para começarmos uma discussão sobre os possíveis impactos e mudanças do nosso cotidiano, faremos uma construção desse debate, aproximando-nos mais de um destes instrumentos, provavelmente a forma mais utilizada da internet nos últimos anos, chamado de “plataforma”.

Nesse sentido, Srnicek (2016) explora o papel da estrutura que sustenta os sujeitos interligados, trocando dados e contribuindo para essa nova realidade e modo de se relacionar. Nesta obra, o autor aproxima a nova tecnologia com o modelo econômico do sistema capitalista, evidenciando o quão íntima é esta relação. Uma das características do sistema capitalista é o de ser mutável ao se deparar com uma crise. Diversas formas de exploração de materiais, recursos e pessoas, modos de influenciar e produzir consumidores são inventados pelo próprio sistema, que visa o acúmulo de capital. A partir dos anos 90, a internet começa a se consolidar, e, desde então, a máquina que faz o capital girar encontra um novo e particular material bruto: Dados. E aqui mais especificamente, dados produzidos por usuários de plataformas.

Lidera a corrida capitalista aquele que possui mais informações, e é disso que se trata a extração, acúmulo e distribuição de dados. Ao contrário das antigas empresas que se preocupam somente em produzir e vender (perdendo assim quase todo o conhecimento sobre o que ela fornece na própria produção), as novas companhias coletam dados de como o produto se faz necessário, afeta a vida do consumidor, quem é a massa que deve utilizar um produto ou serviço, como pode ser aperfeiçoado, etc. Para tal coleta, é necessária uma enorme estrutura, servidores que possibilitam extrair, gravar, organizar e analisar todas essas

informações. Nesse novo cenário econômico, surge eventualmente um novo modelo, a estrutura capaz de sintetizar todas as funções para o trabalho com esse material: A plataforma.

Podemos pensar inicialmente numa ideia mais literal de uma plataforma, um plano, superfície onde serão posicionados agentes de ação e seus desdobramentos. Benjamin H. Bratton (2015), afirma que plataformas integram dados, reúnem-nos e agregam valor ao que é trazido e para a própria plataforma. De fato, as plataformas são sistemas complexos, podendo ser tanto hardware ou software, como combinações destes, o que dificulta o estudo e formulações de teorias suficientes acerca do funcionamento delas.

Para Srnicek (2016), o conceito de plataforma, nas palavras do autor, é de que “são infraestruturas digitais que permitem a interação de dois ou mais grupos” (2016, p. 27, tradução nossa). Por grupos podemos afirmar que se trata de pessoas comuns como eu e você, consumidores, desenvolvedores de *softwares*, vendedores, distribuidores, profissionais de *marketing* e até mesmo inteligências artificiais ou máquinas. Logo, todos os exemplos citados anteriormente na introdução deste trabalho, aplicativos que utilizamos em nosso dia a dia, são do tipo plataforma.

No mesmo caminho, Bratton (2015) nos ajuda, em seu estudo, a compreender mais acerca do que estamos lidando. Coloquemos a seguir algumas características importantes levantadas pelo autor para a complementação do saber acerca das plataformas.

Evidenciamos na estrutura de uma plataforma a alta padronização de seus componentes, oferecendo um serviço de fácil uso e manejo para seus usuários, que podem utilizá-lo de maneiras únicas, contribuindo para o desenvolvimento da própria plataforma. Ou seja, o sistema trabalha nesse equilíbrio entre os padrões dos projetistas e os interesses de quem a utiliza. Uma vez que se padronizam os seus elementos, torna-os, economicamente falando, mais baratos de serem utilizados, causando uma espécie de entrincheiramento generativo. O usuário vai despender mais do seu tempo, utilizando a mesma plataforma, em detrimento de outras com a mesma proposta.

Além de padronizados, os componentes de uma plataforma precisam, por necessidade, atualizar-se e se reinventar, logo, são reprogramáveis. Assim sendo, a facilidade de seus componentes de juntar e separar, “linkar” inclusive com dados e

atividades de outros usuários e até mesmo com outras plataformas, continua a contribuir com a manutenção do seu sistema. Isso significa dizer que há uma forte interação entre as plataformas e destas com seus usuários. Vemos esta em simples ações como utilizar um aplicativo de mensagens em que se mostra a outros usuários o que estamos ouvindo em outro aplicativo, ou ainda, utilizar uma plataforma para entrar em outra, fazendo com que o usuário tenha uma vantagem econômica. O modelo de utilizar *stories* também pode ser um exemplo do que está sendo falado, uma vez que Instagram, *Facebook* e *Whatsapp* são da mesma empresa e mantêm uma comunicação entre si. Inclusive, recentemente (2020), a empresa Twitter implementou uma função similar, nomeada de *Fleets*.

Por isso, podemos dizer que a plataforma “prevê” o que ela própria pode vir a ser, baseada nos dados oferecidos e na interação destes. Além de projetar, organizar, simular e oferecer experiências das mais diversas, o sistema tem sua forma de dar uma estimativa de como pode estar em constante processo de atualização e melhor desempenho.

Assim, se sabemos que os dados são a matéria prima com a qual as plataformas trabalham, o que faz a “máquina girar” é a interação dos atores no palco montado e estruturado pelos desenvolvedores. É isto que faz com que as informações coletadas adquiram seu valor econômico e possam ser exploradas de uma forma particular. A princípio, a informação de entrada de um usuário, em potencial, pode gerar valor para o próprio usuário e para outros, através da mediação da plataforma. Propositamente, algumas informações introduzidas na plataforma pelo usuário se tornam mais visíveis e aumentam o seu valor social. Podemos reconhecer isso ao utilizarmos as mais básicas das redes sociais, como por exemplo, Instagram e *Twitter*. Se um indivíduo faz um *post*, ou seja, publica seu conteúdo na web, seja ela uma frase ou duas no Twitter, faz o *upload* de uma foto de alguma atividade pessoal ou exibição de seu próprio corpo no Instagram, este conteúdo terá um “valor” que aumentará ou decrescerá baseado nas respostas e interação com o conteúdo. Curtidas, *retweets*, compartilhamentos e comentários contribuirão diretamente com o engajamento dos atores nesse processo, gerando valor ao usuário, ao conteúdo postado e à plataforma.

Bratton (2015, p. 66, tradução nossa) esclarece: “Uma plataforma economicamente sustentável é aquela para a qual os custos de fornecer mediação

sistêmica são, em conjunto, menores que o valor total das informações de Usuário inseridas na plataforma”. Ou seja, ela funciona em sua economia gerando valor da informação fornecida pelo usuário. A consequência para uma plataforma sem nenhum engajamento é certamente o seu fim.

Formalmente, uma plataforma é aberta a todos os usuários (humanos ou não). Uma vez que falamos em engajamento, ou seja, usuários e plataformas trocando informações, faz-se necessário uma identidade para cada um deles, a fim de que eles tenham acesso a tudo que uma plataforma tem a oferecer sem deixar de estarem submetidos à um controle de regras, termos e condições de uso estipuladas pela plataforma, o que impede o anonimato total de um usuário que gostaria de sê-lo.

Mesmo que as plataformas garantam identidades aos usuários de seus sistemas, para melhor ou pior, elas não as fornecem de maneira uniforme ou igual. Uma plataforma governa um usuário de maneira diferente do que outro. Uma interface que pode abrir um espaço para um usuário também o fecha para outro. Uma interface que pode estar aberta para um usuário em um momento pode ser fechada em outro. Esse diferencial é uma técnica central de como as soberanias da plataforma normalizam a reversibilidade excepcional da partição. O que pode ser uma partição interiorizadora (“enclave”) para um Usuário em um momento pode ser uma partição exteriorizadora (“acampamento”) para outro em outro momento. (BRATTON, 2015, p.67, tradução nossa).

O estabelecimento de uma identidade possibilita muito mais do que contabilizar, rastrear e controlar os usuários. Comentaremos a importância deste poder ou tentativa de controle nos próximos tópicos.

Em uma síntese do que foi falado, compreendemos que o modelo de plataformas possibilita a interação entre um usuário, seus contatos pessoais ou empresas, interesses dos mais diversos, outras plataformas, enfim, uma infraestrutura baseada na interação e troca de informações. Esta possibilidade de interação fornecida pela plataforma, extremamente atraente para os usuários, principalmente por seus instrumentos baratos e acessíveis à (quase) todos, faz com que estes alimentem a indústria com força e movimentem a economia. Dessa forma, faz-se necessário um aprofundamento de como nós, usuários, com nossas identidades novas, e celulares à mão, movimentamo-nos sobre uma rede e fazemos este modelo econômico crescer a cada dia.

2.2. Algoritmos e os rastros que deixamos na web

Até então, já devemos ter superado a ideia de que as plataformas são uma ferramenta neutra, democrática e de livre acesso. Se ainda não, aprofundemos ainda mais o nosso estudo, entendendo quais as ferramentas são utilizadas pelas empresas para um maior controle não só das plataformas, mas como o controle da vida em sociedade.

Afinal, se geramos uma quantidade enorme de dados ao passar pouco tempo acessando nossos dispositivos, investindo o nosso tempo, gerando lucro, contribuindo com a própria plataforma, existe algo que possibilita o funcionamento e a manutenção do círculo vicioso que se forma entre usuário e máquinas. Através de que recurso “invisível” uma plataforma “prevê” qual será o próximo passo para um desempenho cada vez melhor e mais atraente?

A resposta para essas perguntas tem sua origem na matemática, ou melhor, na informática com o conceito de algoritmo.

Em sua definição restrita, o algoritmo é uma sequência ordenada, definida e finita de ações que visam a solução de um determinado problema computacional. Em suma, o problema contém um conjunto de dados de entrada (input), e o algoritmo, na sequência das ações resolventes, produz os dados de saída (output). Em um sentido mais ampliado, o qual será utilizado aqui, o algoritmo corresponde a uma estrutura de controle que opera nas plataformas com o intuito de analisar os dados produzidos por seus usuários e gerar padrões a partir deles, que por sua vez definirão o que poderá ser visto e feito na plataforma. Esta definição é baseada nos trabalhos de Srnicek (2016), Cheney-Lippold (2017) e Bratton, (2015).

Cheney-Lippold (2017) nos explica o impacto que a geração constante de dados, manipulada por algoritmos tem, desde uma simples busca no Google a leis reguladoras e agências governamentais de vigilância:

Uma simples busca na internet do menos sofisticado dos smartphones, gera um longo registro de novos dados. Isso inclui seu termo de busca inicial, a localização do seu telefone, a hora e o dia da pesquisa, que termos você buscou antes/depois, o sistema operacional de seu telefone, o endereço de IP e até quais aplicativos estão instalados no seu aparelho. Adicione a esta lista tudo o que você faz com este celular, tudo o mais que você faz no seu

computador e tudo mais que tenha sido gravado a respeito de sua vida por agentes de segurança. (CHENEY-LIPPOLD, 2017, p. 12, tradução nossa)

Com esta passagem, fica mais clara a existência de uma vigilância que se dá através do uso dos nossos dispositivos de acesso à internet e é interpretada algoritmicamente. Parece problemático que muitas pessoas não façam ideia desta informação, afinal, as plataformas digitais já possuem o seu espaço em suas vidas, e com isso, torna-se seu uso algo comum.

Para se ter uma dimensão ainda maior e mais explicativa dessa constante vigilância, podemos verificar afinal “quem somos nós” para o Google, acessando o “Google Ad Settings”¹.

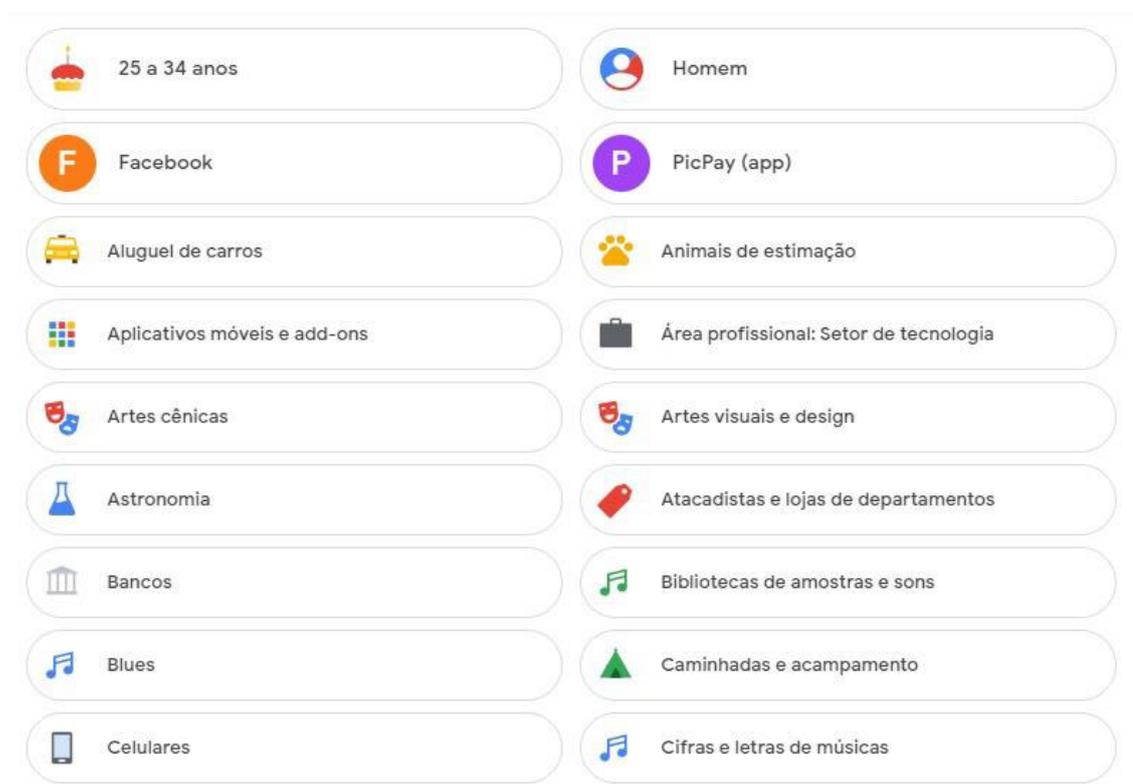


Fig 1: Perfil do autor gerado a partir da página Google Ad Settings

Na figura acima vemos a configuração de anúncios do Google, que funciona baseado nas atividades de cada usuário que acessa a plataforma. Na imagem recortada de uma lista bem maior de elementos, vemos verdadeiras predições a respeito do gênero, idade, ocupação profissional, atividades recentes, aplicativos baixados e demais possíveis interesses do usuário. Interessante notar que estas

¹ Link disponível em: <https://adssettings.google.com/authenticated>

interpretações são especulações a cerca de quem acessa. Neste exemplo, a plataforma “acerta” que sou homem, que tenho entre 25 e 34 anos, mas “erra” quando coloca alugueis de carro como interesse ou pesquisa recente. Todavia, não se trata de errar ou acertar quem somos, mas se isso “funciona”. Não cabe à nós, usuários, interpretarmos a nosso modo, mas sim, ao algoritmo e seus programadores que possuem seus objetivos bem definidos.

Quando falamos que plataformas designam identidades aos usuários, isso se inclui neste processo. Basicamente, ao acessar nossos dispositivos, estamos deixando um grande rastro de dados, e eles têm um destino de armazenamento. Algoritmos criarão diversas versões do usuário através de sua interação com a plataforma na tentativa de decodificar e interpretar, a seu modo, quem é este indivíduo que acessa a plataforma. É imprescindível entender que não se trata de “clonar” a individualidade de cada um. Na verdade, o algoritmo ignora o aspecto humano, mas está interessado no que o usuário produz ou como se comporta naquele momento. Ao acessar novamente, outra interpretação algorítmica será feita e refeita a cada vez.

Quando o Google analisa seus dados de navegação e atribui você a uma das duas categorias de gênero distintas (apenas “masculino” ou “feminino”), seu gênero algorítmico pode contradizer sua própria identidade, necessidades e valores. O gênero do Google é um gênero de conveniência lucrativa. É uma categoria de marketing que pouco se importa se você realmente tem um determinado gênero, desde que você navegue / compre / aja como esse gênero. (CHENEY-LIPPOLD, 2017, p. 14, tradução nossa).

Bem como explicado por Cheney-Lippold, todas essas categorias algorítmicas de gênero, idade, entre tantas outras são meras classificações mercadológicas e padrões de comportamento que se somarão com tantos outros perfis, ajudando indubitavelmente num maior controle da plataforma e de seus usuários.

Quanto mais dados, mais controle. Em resumo, toda plataforma se utiliza de interpretações algorítmicas a seu favor. Quanto mais dados ela extrai, interpreta e classifica, mais fácil fica saber em que melhorar, para quem vender, o que mostrar, quem e o que está consumindo. Todavia, trata-se de uma tentativa, afinal, é ousado pensar que algoritmos conseguem interpretar elementos não matematizáveis como a subjetividade humana, a singularidade de cada usuário. Tampouco é nosso objetivo nesse trabalho trazer uma maior discussão acerca de gênero, etnia e

subjetividade, apenas mostrar o recorte feito pelos algoritmos e o posterior impacto que este processo tem na vida em sociedade.

2.3. O indivíduo divisível

Deleuze (1990), acompanhando as mudanças na relação humana entre educação, trabalho e instituições de sua época, retorna à noção de sociedade disciplinar em Foucault, introduzindo o que seria a superação desta: a sociedade de controle.

Como resultado de um inevitável fracasso das instituições, ou “meios de confinamento”, onde o lugar de um indivíduo é numa massa uniforme, controlada por um conjunto de leis ou alguém detentor de poder (casa, escola, fábrica, hospital, prisão), o autor chama a atenção para a transformação ou substituição destas, onde as relações de poder que se davam de maneira analógica passam a ser moduladas. O que antes era o indivíduo, agora é tido como um “divíduo”, e possui um lugar de diferença em meio a outros.

As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição na massa. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote – o rebanho e cada um dos animais – mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em “pastor” laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*”. (DELEUZE, 1990, p. 222)

Nota-se assim, uma diferença fundamental que marca uma sociedade e outra. Se por um lado, possuímos um indivíduo, dotado de vontade, que se faz notar e confirma que existe através de sua própria assinatura; do outro, possuímos um código, que define o divíduo. Este último pode inclusive nem ser necessariamente

uma pessoa, mas uma senha que indica o seu acesso, uma representação decodificada e funcional.

Desse modo, podemos ver com mais clareza do que se trata o discutido no tópico anterior acerca de um “gênero algorítmico” quando não se tem a pretensão de corresponder ao indivíduo, e sim, uma versão deste de outra ordem. Estamos numa sociedade cada vez mais cheia de protocolos e senhas (da senha do e-mail à rede social, à fila de atendimento no hospital ou a quem pode ou não entrar no grupo de *Whatsapp*), o que caracteriza bem este momento de acesso ou a negação da informação:

É fácil corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. (DELEUZE, 1990, p. 223)

Trazendo este modelo mais esquemático é possível ilustrar mais a situação em que estamos inseridos, situando mais precisamente “em que sociedade estamos”. Todavia, vemos que as sociedades de controle se aproveitam das novas tecnologias para a sua manutenção, e não o seu contrário. Não está em jogo qual tecnologia define cada sociedade, mas sim, os modos de subjetivação.

Tampouco esta mudança da sociedade disciplinar de Foucault para a sociedade de controle proposta por Gilles Deleuze se dá de maneira abrupta ou tem um marco inicial bem situado no tempo e espaço para todos em mesmo grau ou com data de expiração precisa, imaginando-se que uma vem inevitavelmente após o fim da outra, mas sim, dá-se de maneira vagarosa, intercalada, inclusive coexistindo.

Uma vez que dizemos ser notável a utilização de novas tecnologias em cada sociedade (soberania, disciplinar e de controle), devemos levar em consideração os diversos entraves que algumas nações, cidades ou localidades mais remotas têm de passar para obter acesso às mesmas, bem como a relação de poder predominantes em cada um destes ambientes.

Com a crise da pandemia do novo coronavírus que teve seu início no começo do ano (2020) que nos levou a períodos de isolamento social (de acordo com as

recomendações da OMS), a diferença tecnológica entre as pessoas e a desigualdade social que já se evidenciava, tornou-se um abismo. Enquanto o mercado do setor de tecnologias de computadores cresce vertiginosamente, os demais setores mais básicos da economia têm uma queda, e, fazendo um recorte deste cenário, podemos por em evidência o setor da educação.

Via de regra, o dinheiro dita quem consegue ter acesso a uma educação através da internet com a utilização inevitável da EAD. Quais indivíduos, ou melhor, *divíduos*, possuem a senha necessária para estar dentro/fora deste recurso alternativo para a própria educação?

Abrimos o questionamento que ainda não nos oferece uma resposta clara: A pessoa ou um grupo que está à margem do acesso à tecnologia e inclusão digital constitui sua educação da mesma maneira das que possuem o privilégio de estarem conectados através de uma plataforma com outros discentes e docentes?

Ao que parece, ambas sofrem (estando inseridos na tecnologia ou não) os efeitos da sociedade de controle. A primeira certamente sofrerá déficits, por estar excluída da própria oportunidade de se educar em uma instituição de educação, tendo que arrumar meios outros para diminuir os danos causados. Por sua vez, aqueles que têm acesso, sofrem a influência do controle por não ter outro jeito senão fundir o ambiente educacional, profissional e familiar; modulando e recriando a forma de lidar com educação através de multi-telas. O jovem que tem acesso a plataforma educacional pode também ter acesso a outras plataformas que atrapalhem o seu aprendizado, despendendo mais do seu tempo nestas últimas. Este fenômeno ainda pode ser facilitado quando operadoras de telefonia oferecem limitações de pacotes de dados de internet para o uso de algumas plataformas e, ao mesmo tempo, facilidade de acesso ou até mesmo a gratuidade de outras, como redes sociais e *Whatsapp*.

Em conclusão a este tópico, Deleuze não tece críticas severas à sociedade de controle, mas sim, mostra que a novidade se aproxima e sua tendência é se tornar algo enraizado, comum; até que enfim seja substituída por novos meios de produzir, ordenar, se relacionar e exercer poder. Não cabe então a nós, pessoas comuns, temer ou demonizar o que está acontecendo e o que ainda está por vir, mas sim, estar atento e reconhecer até que ponto o “caldeirão de novidades” tem

seu quantum de benefícios e malefícios, no qual se encaixa também, a proposta desta pesquisa.

2.4. Bolhas

Para finalizarmos a discussão acerca de plataformas e subjetividade, elencaremos um elemento chave e de convergência entre os demais citados anteriormente. As bolhas de filtro terão sua importância na manutenção da relação entre máquinas e usuários, dando força ao engajamento entre eles e filtrando a informação de maneira peculiar como veremos a seguir.

Neste sentido, podemos dizer que “Cada vez mais, o monitor do nosso computador é uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos” (PARISER, 2012, p. 7). Inaugurando este tópico com a citação de Eli Pariser, retomamos também a discussão que vem sendo feita até aqui.

Um dos marcos na história da tecnologia elencados pelo pesquisador se dá em 4 de dezembro de 2009 onde a empresa *Google* anuncia que, através de seus “sinalizadores” e outros aparatos tecnológicos iria oferecer uma busca personalizada para todos. De maneira quase que invisível, ao invés de um ambiente mais democrático e de compartilhamentos, onde vemos todos os lados da moeda, gera-se um enclausuramento maior do usuário num “mundo” criado só para ele.

O código básico no seio da nova internet é bastante simples. A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, 2012, p. 11)

Neste trecho, Pariser não só retoma a discussão feita neste trabalho sobre plataformas e algoritmos, como também nos dá um nome e nos situa, como usuários, em um lugar. Estamos entrando, ao aceitar os termos de serviço, em verdadeiras bolhas.

Não só Pariser em seus estudos, como o recente documentário *The Social Dilema* (2020), disponível na plataforma digital *Netflix*, aborda como a busca personalizada no *Google* funciona.

Em síntese, o mesmo termo de pesquisa digitado por pessoas diferentes pode apresentar resultados distintos, de acordo com a relevância da pesquisa para aquele tipo específico de pessoa, inclusive, permitindo que uma tenha acesso e a outra não. O mesmo resultado pode aparecer em posições diferentes, ser visto ou não visto. Os algoritmos então, “afirmam” que o link que pode ser acessado seja menos ou mais relevante em uma lista para aquele que busca gerando consequências, por mais simples que pareçam.

No mecanismo da busca personalizada, abre-se espaço para divisões entre pessoas ou grupos de pessoas. Desse modo uma informação pode circular amplamente sem abrir espaço para discussões ou outros pontos de vista incluindo mesmo a sua confirmação de sua veracidade, tornando-se um palco propício para alguns fenômenos dos últimos tempos, como a difusão de factoides ou *fake news*.

Quando entramos numa bolha de filtros, permitimos que as empresas que a desenvolveram escolham as opções das quais estaremos cientes. Talvez pensemos ser os donos do nosso próprio destino, mas a personalização pode nos levar a uma espécie de determinismo informativo, no qual aquilo em que clicamos no passado determina o que veremos a seguir – uma história virtual que estamos fadados a repetir. E com isso ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infundável de nós mesmos. (PARISER, 2012, p. 16)

A percepção que se faz deste fenômeno de câmara de eco, onde se envia “eu” e recebe várias outras versões do mesmo, é de que a cifra tenta se sobrepôr à assinatura, que o código colide com o usuário, que o indivíduo se depare com o indivíduo. De maneira despretensiosa, nos utilizamos das plataformas para diversos fins, tentando satisfazer desejos mais simplórios, desde ver vídeos engraçados, ouvir música ou nos relacionar com alguém distante. O que se tira deste cenário é que o mesmo se encontra sob controle de seus desenvolvedores. Os dados colhidos neste verdadeiro laboratório serão utilizados para desfragmentar o usuário que os fornece em versões compreensíveis à leitura algorítmica, ao ponto de “conhecerem” de maneira funcional, através de nossos gostos e interesses. Dessa maneira, e de forma cíclica, a informação que enviamos acaba sendo a base da informação que consumimos compulsoriamente e repetidamente. Retomaremos a discussão acerca

da relação entre bolhas de filtro, indivíduo e divíduo no terceiro capítulo desse trabalho, aprofundando mais ainda a sua relação com contribuições psicanalíticas.

Para conclusão, é primordial dizermos que não só a empresa *Google* se utiliza deste meio de controle de informações, como as demais plataformas mais populares, incluindo-se aí as redes sociais. Nesta geração e circulação de informações filtradas através de interações narcísicas do sujeito com outros na plataforma, introduziremos os estudos de Freud, Lacan e outros estudiosos da área para entendermos, desde a constituição do Eu à sua relação com o outro, o quão intimamente está ligada a teoria psicanalítica à “nova” forma de se relacionar digitalmente.

Neste ambiente filtrado da bolha, onde quem acessa se depara com o que é acessado (através de insistências ou recomendações das plataformas) e suas possíveis consequências, é que temos um interesse especial para a realização desta pesquisa.

3. SOBRE O NARCISISMO

Em tempos virtuais e imagéticos, onde nos é dado cada vez mais materiais, recursos e modos de se exibir e olhar o outro, a palavra parece se fazer menos válida do que o mostrar em foto e vídeo. Nesse cenário, investigaremos mais a fundo a relação que nós, enquanto sujeitos, lidamos consigo e com o outro que se encontra no mesmo ambiente virtual, dando o devido destaque às redes sociais.

Por que, afinal, achamos que interessa ao outro as nossas próprias fotos do final de semana ou das brincadeiras realizadas pelos nossos animais de estimação? Seria um fenômeno com poucas consequências psíquicas para o sujeito que agora se exhibe constantemente ou a exaltação do individualismo contem algo de um isolamento não só individual, mas social?

Uma vez que nos expomos, olhamos a nossa exposição e a do outro e contamos com ele também nesse processo, uma de muitas outras vias válidas de investigação para estes atos no ambiente da plataforma, é a do estudo do narcisismo, das pulsões e das demais teorias do Eu. Reuniremos a seguir, recortes da teoria da libido freudiana para entendermos melhor do que vem a ser o narcisismo e como esse conceito pode nos ser útil para o andamento desta pesquisa.

Mesmo sem nos oferecer uma explicação muito bem estruturada acerca desse novo termo, e com algumas contradições em textos posteriores, Freud (2010) faz suas tentativas de investigação analisando através de observações em doentes ditos “parafrênicos”, das relações familiares com o Édipo e no próprio atendimento com neuróticos, bem como nas situações simples fora do consultório em se tratando de relações de amor, para consigo e para com o outro. Apesar do difícil acesso e até mesmo de uma explicação que fosse satisfatória nesta introdução ao seu estudo, não podemos deixar de perceber como além de participar diretamente na relação das pulsões de eu e de objeto, o narcisismo não só é observado ainda nas primeiras interações entre o bebê e seus cuidadores, mas é até anterior ao próprio nascimento, como um subproduto do desejo dos pais, tendo então uma importante função na constituição do próprio sujeito.

3.1. Narcisismo como sendo constitutivo do sujeito

Sigmund Freud (2010) nos introduz no estudo do que chamará de narcisismo tomando o sentido original de sua palavra com um sentido próprio à psicanálise. O narcisismo que nos interessa ultrapassa o mito grego de Narciso, que acaba definindo ao admirar sua própria imagem refletida nas águas de um lago, bem como o sentido bruto cunhado por P. Nacque em seus estudos clínicos, onde o satisfazer-se com o próprio corpo utilizado como objeto de satisfação sexual toma o status de perversão sexual. Freud encaixa esse termo na teoria da libido, não mais vendo como uma perversão, e sim como uma “alocação da libido”, uma conduta que tem a sua função tanto nos ditos parafrênicos e a megalomania característica destes, bem como nos neuróticos, dada a dificuldades particulares encontradas em alguns tratamentos. Diz-se que:

À mesma conjectura chegou-se a partir das dificuldades da psicanálise com neuróticos, pois era como se tal comportamento narcísico fosse um dos limites de sua suscetibilidade à influência. Nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo.” (Freud, 2010, p. 14).

A questão narcísica se torna alvo irresistível da psicanálise ao limitar e desafiar o próprio processo de análise. Afirmar o narcisismo como algo comum e regular do desenvolvimento sexual humano nos dá sinal de que, por mais que atue como um fator limitante ao processo de uma análise, não é estranho ao corpo, exclusivamente patológico ou perverso, mas sim, um processo constitutivo do sujeito que chega a tornar-se, desenvolvendo o seu Eu.

[...]é uma suposição necessária, a de que a unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.” (Freud, 2010, p. 18 e 19)

Narcisismo se configuraria então como também uma fase de desenvolvimento entre o autoerotismo e as escolhas de amor objetal.

Desse modo, para além do autoerotismo onde as pulsões tendendo sua livre satisfação percorrendo o corpo do *infans* há de se constituir o que vem a ser o

narcisismo, e conseqüentemente o Eu. Nota-se que há uma necessidade de estabelecer assim, os estágios do narcisismo que, para Freud, se dividem em narcisismo primário e secundário.

“A libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir a conduta que podemos chamar de narcisismo. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (Freud, 2010, p. 16)

Através da literatura, podemos afirmar que este narcisismo primário, além de ser predeterminante para o pleno narcisismo ou secundário, irá surgir num contexto de relação entre a criança e a mãe (ou quem desempenha essa função). A criança que neste momento, vê a mãe como uma própria extensão de seu corpo, tendo os seus desejos atendidos, acaba por ser investida intensamente de libido e toma o seu próprio corpo como fonte e objeto de libido. Neste momento, pulsão objetal e narcísica, se voltam à estrutura corporal da criança. Ainda no mesmo texto, a expressão utilizada por Freud, *His Majesty the Baby* (Vossa Majestade, o Bebê) nos dá uma boa noção do poder quase que insuperável da criança que está passando por esse processo, uma vez que para os pais, as ideias de doença, morte, privação e demais frustrações não devem ser experimentadas pela sua cria.

Já o narcisismo secundário se trata de um posterior, onde supostamente o sujeito já formado, é capaz de escolher os seus objetos de amor e direcionar sua libido objetal como bem entender entre os mais variados objetos existentes no mundo, não mais os vendo como uma extensão de seu próprio corpo, mas cedendo um pouco do seu narcisismo. Nesse contexto, libido objetal e narcísica, possuem destinos diferentes. Como vivendo um narcisismo secundário, a pulsão de Eu vai se direcionar sim ao próprio corpo, podendo ser observada no amor próprio, não sendo necessariamente patológica.

[...] “De onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e por a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.” (FREUD, 2010, p. 29)

Esse trecho nos evidencia uma das várias maneiras onde se vive a expressão do narcisismo, onde é possível ser de certa forma, egoísta, porém sendo necessário fazer escolhas objetais de amor, a fim de evitar o próprio adoecimento.

Por hora, podemos fazer uma pausa até onde avança a teoria freudiana e nos aprofundarmos mais na questão da formação do Eu com a qual é a discussão deste tópico. Lacan (1998), em seu texto *O estádio do espelho como formador da função do Eu, tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica*, acompanha Freud ao afirmar a respeito da constituição do Eu, que se esforça para ser enfim, formado, ainda em um estado de incompleto controle sobre os próprios movimentos corpóreos e atividades motoras, vemos na introdução de seu texto:

A assunção jubilatória de sua imagem especular pelo ser ainda mergulhado na impotência motora e da dependência da lactância pelo homenzinho neste estádio de infans nos parecerá desde então manifestar, em uma situação exemplar, a matriz simbólica onde o [eu] precipita-se em forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação ao outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p. 1-2)

Com base na literatura e nas discussões apresentadas nesta conferência, entende-se que Lacan, ao se utilizar de uma metáfora onde uma criança que se vê diante do espelho, chega enfim a se reconhecer como sendo a sua própria imagem, identificando neste processo, momentos distintos. Passando da experiência de “corpo fragmentado” no início dessa experiência, a criança de poucos meses de idade não reconhece a imagem que é refletida como sendo sua. A não identificação é marcada, por exemplo, pela própria interação que ela tem com o reflexo. Como bem ilustra Lacan, age como agem outros animais comuns, como se estivesse na presença de outros de sua espécie. Sendo assim, é necessário que se supere esse impasse entre aquele que gesticula e brinca diante do espelho e sua própria imagem que se confunde com os demais objetos.

Veremos essa superação na fase final do estádio do espelho com a simbolização, onde a criança enxerga aquilo sendo sua própria imagem refletida no espelho, que vem a se dar de maneira muito sutil. Tomado por uma felicidade de se reconhecer, o bebê se volta para o outro em uma busca por aprovação, onde este último corresponde à experiência.

Uma contribuição essencial para a psicanálise se tira do ensinamento de Lacan quando falamos do estágio do espelho. Torna-se impossível se constituir como sujeito se não passarmos pelo olhar do outro. No jogo de olhar e ser olhado, ser percebido e ser aprovado é que nos inscrevemos no mundo de linguagem. O “espelho” acaba tendo uma função de afirmar a identidade do sujeito, sendo representada pelo outro, cultura, sociedade, objetos de amor, enfim, todo um conjunto de elementos que dizem “este é você”.

3.2. Vias de observação do Narcisismo no cotidiano

Como uma maneira de aprofundar o estudo do narcisismo, Freud (2010) nos ilustra de maneira pontual, como afinal podemos percebê-lo nos pormenores da vida cotidiana. São estes: Doença orgânica, hipocondria e vida amorosa dos sexos.

Sigo a sugestão verbal de Sándor Ferenczi, ao apreciar a influência da enfermidade orgânica sobre a distribuição da libido. É algo sabido, e tomamos por evidente, que alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida que não dizem respeito ao seu sofrimento. (FREUD, 2010, p. 25)

Ora, aparentemente o fato da doença orgânica dita aqui pode ser um tanto quanto banal, segundo o próprio autor. Todavia, a seguir, Freud nos alerta a não nos deixarmos levar pela simplicidade dessa observação. Adoecer e de certa forma, não conseguir sair deste estado de aprisionamento causado por más sensações diagnosticáveis representa uma das características do narcisismo: a retração libidinal para si. “No buraco de seu molar, se encontra a sua alma.”

No caso da hipocondria, vemos algo de semelhante em se tratando distribuição da libido, mesmo que não se observe mais facilmente como no caso de uma doença orgânica. Deve se considerar que se a hipocondria aparece, ela há de “estar certa”. Freud (2010) chega a afirmar que as neuroses se desenvolvem inclusive com um quê de hipocondria, portanto, tal fenômeno deve ser levado em consideração.

É interessante fazermos essa relação de patologia e narcisismo. No decorrer de sua escrita, Freud (2010) acaba nos mostrando que um represamento da libido do Eu, gera sim um desprazer ou acaba por ter um viés patológico. Com base em seus conceitos de narcisismo primário e secundário como etapas de um

desenvolvimento do Eu, não seria saudável para a psique que não se tenha uma regulação da libido. Parece que o narcisismo por si só, não possui um caráter de patologia, mas isto vai depender da distribuição libidinal. Se estas só conseguem se dirigir ao Eu, temos aí sua contribuição às neuroses atuais, obsessões, paranoias, e demais questões clínicas em relação a modos de se lidar em relação a si e ao outro. Através dessas observações há de se concluir que se torna um dos desafios da clínica psicanalítica, fazer uma “manutenção” na distribuição libidinal, de modo que o narcisismo que aparece no paciente que procura o consultório, sofra uma baixa à condições ideais e não-patologizantes.

Além do próprio processo de análise, a saída possível para um excesso de narcisismo, apontada no mesmo texto, seria pela via de escolhas objetais, e porque não dizer através do amor?

Apontado como uma das formas de observação do narcisismo, naturalmente pelo curso que segue no desenvolvimento do Eu, as relações amorosas entre os sexos irão bem representar a etapa de escolhas objetais. “O enamoramento consiste em um transbordar da libido do Eu, para o objeto” (FREUD, 2010. p.49). Dentre as contribuições, destaca-se a seguir:

Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e sua inacessibilidade, assim, como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantem afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo (FREUD, 2010, p. 34)

Neste trecho, onde se dá exemplos do narcisismo entre as relações, evidenciamos também o jogo pulsional narcísica e objetal, onde quanto mais se emprega uma se empobrece a outra. De certa forma, é preciso “perder para ganhar” no jogo das relações amorosas. Em adição, toca-se na questão do fascínio que se há aquele que possui o narcisismo elevado, abrindo a discussão mais uma vez para a relação que se tem entre a criança e seus pais.

Freud (2010) afirma que, para também dar sentido às frustrações vivenciadas pelos pais ao decorrer de sua vida, surge o desejo de estender o próprio corpo, numa tentativa imaginária de superar as escolhas que não foram possíveis

anteriormente, investindo-se na criança que deve vir a ser. Este exemplo continua demonstrado que, na insuficiência do Eu, os objetos aparecem como uma tentativa de regulação do desejo.

No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, 2010, p. 37)

Essa discussão nos introduz ao entendimento do que surge como consequência, tanto dos investimentos feitos pelos pais, quanto o visto na experiência do espelho: O conceito de Eu ideal e Ideal de Eu.

3.3. Eu ideal e Ideal de Eu

Para entendermos melhor a noção de Eu Ideal, não devemos falar isoladamente sem nos remetermos ao mecanismo da repressão (recalque) sofrido constantemente enquanto processo de formação de sujeito. Há de convir que seja necessário um imenso esforço do Eu para satisfazer as expectativas idealizadas inicialmente pelos próprios pais, como dito em discussões passadas.

Sendo assim, Eu ideal, enquanto uma figura do narcisismo, é representado pelo próprio eu como sendo objeto de expectativa para o outro (pelos próprios pais, amores enfim, sociedade em geral). Expectativa que se fosse imaginariamente realizada acabaria com a angústia que é própria do sujeito que já nasce em divisão e em dívida. Portanto, aparece aí uma situação insuperável, onde o Eu sempre é inadequado ou insatisfatório, uma vez que não se consegue mais vivenciar o narcisismo primário cheio de sua própria onipotência.

A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.” (FREUD, 2010, p. 40)

Superando este primeiro, O Ideal do Eu, instância secundária, é formado a partir do Complexo de Édipo, como uma substituição daquele narcisismo mais primário do Eu Ideal. Se o Eu Ideal é uma instância imaginária, o Ideal do Eu é uma instância simbólica que diz como eu devo ser idealmente (a partir de mim mesmo, não mais das expectativas dos outros) para que meu desejo seja legitimado. É a partir do Ideal do Eu que construímos nossas estruturas de admiração que vão determinar nossa maneira de amar, de agir, etc. Enquanto o Super Eu diz "isso não pode" ou "isso tem que", o Ideal do Eu se nos apresenta como formador de nossos ideais reguladores, aquilo do que tentamos nos aproximar, nosso horizonte. Tem sua relação íntima com o processo de sublimação, uma vez que conseguimos então realizar nossas escolhas objetais, através de processos de identificação, onde podemos "ser x para desejar y".

Entretanto, existe em nós uma tendência neurótica que, atuando, sobretudo em momentos de crise, visa efetuar a junção do Eu Ideal com o Ideal do Eu (o que aponta para as "montagens narcísicas" que encontramos no funcionamento de massa, de grupo, etc).

Portanto, a diferença é que, enquanto o Eu Ideal é aquilo que os outros esperam de nós e que tentamos realizar para amenizar nossa angústia, o Ideal do Eu é aquilo que nós mesmos esperamos de nós como horizonte regulativo, ambos constituídos a partir de influências externas.

4. NARCISISMO 2.0

4.1. Narcisismos na tela

Os exemplos utilizados por Freud (2010) no capítulo anterior podem nos parecer simples e facilmente observáveis. Como podemos perceber então, exemplos semelhantes a estes após mais de cem anos da escrita de suas teorias? Neste tópico, faremos algumas relações ainda que hipotéticas acerca de condutas virtuais que aparecem na contemporaneidade e narcisismo.

Se o jeito de se comunicar mudou completamente, o narcisismo acaba por seguir uma via parecida. Não afirmamos que o “narcisismo mudou” como conduta ou fase de constituição do Eu, mas, inegavelmente ele aparece de uma forma peculiar quando aliado às plataformas. Como já dito, é notável um aumento da exibição dos corpos em tela, dispostos numa espécie de palco, o conteúdo produzido se exhibe, se assiste e se compartilha. Lembrando-se dos primeiros exemplos sobre doença orgânica e hipocondria, não é preciso ir longe para saber que a doença ou as angústias de cada um que se propõe a botá-las em jogo, aparecem na vitrine virtual, exigindo-se que se fale dela, reverberando por um período de tempo, até que aquilo não seja mais novidade.

Tornou-se uma prática do usuário em algumas redes sociais, como o caso do *Twitter*, escrevermos nossas dores (e também alegrias) numa espécie de diário onde a borda do público e privado já se torna muito fina ou quase inexistente. Comumente se vê em *stories* na plataforma *Instagram*, usuários que ficam doentes e precisam necessariamente dizer que estão sendo acometidos de uma enfermidade, através da exibição do próprio corpo que padece, sob efeitos de medicamentos intravenosos ou algum outro cuidado ainda na fila de espera de um hospital enquanto aguarda uma consulta médica. Num cenário mais preocupante, não é raro vermos publicações romantizando sintomas conhecidos como ansiedade e depressão, principalmente por adolescentes, fase fortemente marcada pelo não saber para as questões da morte e do sexo. Talvez confusos com a quantidade de informação ou sem um amparo psíquico fora das redes, vê-se na prática de expor ou romantizar suas feridas (muita das vezes de maneira literal com a automutilação), seus remédios tarja preta, ou ainda, ideações suicidas; a tentativa de formar algum tipo de laço com o outro que olha o conteúdo de suas postagens. A doença existe, e para

além da própria, sua exibição. Um grito não só de socorro, mas um sinal de que “eis me aí”, “este sou eu”.

Relacionamentos amorosos entre os sexos também foi alvo da observação de Freud e assim como os primeiros modelos de aparecimento do narcisismo, podemos vê-lo nas plataformas, mais especificamente no âmbito das redes sociais. Funcionando em um modelo de recompensas por cliques, escolhemos nossos objetos para amar e ser amado. “Amor” este, que pode ser representado por um sistema de “curtidas” ou “*reacts*” em redes como Facebook e Instagram. O usuário que utiliza de seu momento de narcisismo para enviar alguma mídia (mesmo sendo seu corpo ou não) espera que seja reconhecido pelo outro, atraindo a atenção deste para si, através desse sistema aparentemente simples de curtidas: quanto mais destas, mais valioso o conteúdo, “mais valioso” se torna o sujeito que posta.

Se Freud (2010) nos diz que o narcisismo inabalável de uma pessoa parece fascinar os que desistiram do seu próprio, talvez explique o fato de cada vez mais o exagero na exibição formar celebridades ou subcelebridades com mais força no ambiente virtual. Ou ainda, que grandes líderes ou “*influencers*” tenham voz?

Cria-se com esse direcionamento e endereçamento da libido, a hipótese de que, através de números (seguidores) podemos observar quem tem um alto ou baixo nível de narcisismo.

A busca pela curtida perfeita pode se tornar algo mais do que uma mera mania, e quem sabe, se tornar um hábito na distorção da própria imagem corporal. Filtros ou efeitos de câmera se tornam um hábito comum (quando não, necessário) para modular as expressões faciais, disfarçando marcas, espinhas entre outros traços; e adicionando em contrapartida, maquiagens, iluminações e outros tantos efeitos que nos provocam a nos perguntar o que é belo.

A utilização de filtros e “*photoshopagens*” desafia a própria psicanálise a fazer uma maior observação acerca da idealização que o sujeito faz acerca de seu próprio eu e suas máscaras. Estariam as plataformas modulando e agindo diretamente sobre os ideais de Eu? Ou pressionando o usuário para que fique estagnado numa imagem imaginária de Eu ideal?

4.2. Narcisismo x Plataforma

Todas essas observações e relações, ainda que hipotéticas, tomam forma e sentido quando entendemos que se movimentam cada vez mais usuários a entrarem no mundo virtual de uma maneira muito particular, aproveitando-se da predisposição que temos como narcisos em busca de autoafirmação, identificações e aprovação do outro.

Parafraseando a clássica pergunta do ovo e da galinha: A plataforma que sustenta o sujeito? Ou o seu contrário? A relação entre a plataforma e o sujeito que acaba por fazer relações narcísicas (consigo e com o outro) é de verdadeira simbiose, onde um se apoia no outro para manter o funcionamento.

Se de um lado, a plataforma oferece ao usuário um espaço de relações e produções narcísicas, este, em contrapartida oferece seu “engajamento” como produto onde deverá ser comercializado.

O processo se dá quando o algoritmo capta os interesses do usuário transformando a plataforma numa espécie de espelho, aonde o sujeito vai se ver diante dele, confundindo sua própria imagem tamanha carga de informação que se repete. Imagem essa, produzida como sendo oriunda da divisão elaborada e provocada pelo algoritmo; divíduo, e não mais indivíduo.

Realocado constantemente em bolhas virtuais, o sujeito se depara com o eu (aqui representada como divíduo) que insiste em retornar, gerando um círculo de consumo da própria imagem, dos seus ideais e identificações, enfim, experienciando mais uma vez um represamento de libido. Narcisismo aqui se dá de maneira irresistível e imperceptível para o sujeito que acessa a internet e não tem um conhecimento acerca da complexidade da geração de lucro da plataforma.

Se nos formamos como sujeito, passando pelo olhar do outro, talvez a plataforma seja um novo “estádio do espelho”, porém se dando nesta confusão entre a participação do outro, e a ilusão criada pela bolha.

Pode-se concluir que se buscamos imaginariamente reconquistar o narcisismo que há tempos foi perdido, a plataforma parece ser uma tentativa de se chegar à esse objetivo. Aproveitando-se desta busca de completude por parte do indivíduo que tem acesso às plataformas, esta última mantém o círculo da relação íntima entre narcisismo e lucro em funcionamento. Logo, se na clínica psicanalítica, o sujeito pode se deparar com suas questões e angústias, tendo um afastamento

gradual de seu próprio narcisismo, na plataforma ele se depara com o seu contrário: o narcisismo sendo estimulado, produzido e mantido, com fechamento de seu horizonte, dos laços sociais e com poucas chances de rompimento do círculo vicioso criado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo deixando questionamentos em aberto para pesquisas futuras, seja em psicanálise ou em técnicas de informática, é notável que seja possível o estudo e relação entre essas duas ciências que de início parecem não terem relação alguma. Estudos mais aprofundados acerca desse tema devem ser pesquisados e abordados com mais frequência, uma vez que questões ainda não respondidas à respeito das exigências de uma imagem que seja satisfatória para o eu e para o outro, estão sendo mais frequentes na clínica psicanalítica.

Importante destacar que o objetivo desta pesquisa não foi em nenhuma hipótese demonizar ou culpabilizar o uso das plataformas ou redes sociais, mas, evidenciar que se forma uma relação entre o narcisismo que é constitutivo do sujeito, servindo à própria plataforma na geração de lucro. Deve-se ter cuidado, pois nessa relação que se repete, seu uso pode acarretar uma possível pobreza simbólica no sujeito, uma vez que se depara com “ele mesmo”, numa ou mais imagens criadas através da interação com o algoritmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRATTON, Benjamin H. **The Stack: On Software and Sovereignty**. Cambridge, MA (USA): MIT Press, 2015.

CHENEY-LIPPOLD, John. **We are data: algorithms and the making of our digital self**. New York: New York University Press, 2017.

CHUN, Wendy Hui Kyong. **Updating to remain the same: habitual new media**. Cambridge, MA (USA): MIT Press, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916): Introdução ao narcisismo (1914)**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916): Os instintos e seus destinos (1915)**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KALLAS, M.B.L.M. **O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise**. Reverso. Belo Horizonte, n.71, p. 55-64, 2016.

LACAN, J. **O estágio do Estádio do Espelho como formador das funções do Eu Escritos**. In: Escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

LIMA, N. L.; BARCELOS, N. S.; BERNI, J. T.; CASULA, K. A.; FERREIRA, L. P. M.; FIGUEIREDO, E. R. F.; MACIEL, K. N.; NUNES, M. C. F.; OTONI, M. S.; **Psicanálise, educação e redes sociais: escutando os adolescentes na escola**. Estilos da Clínica. São Paulo, v. 20, n. 3, p. 421-440, 2015.

LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. 12ª edição. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PARISER, Eli. **Invisível: o que a internet está escondendo de você**. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIBILIA, PAULA. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge (UK) e Malden, MA (USA): Polity Press: Polity Press, 2017.

THE Social Dilemma. Produção de Jeff Orlowski. Roteiro: Davis Coombe, Vickie Curtis, Jeff Orlowski. Estados Unidos: Exposure Labs ,2020. 1 vídeo (94 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 8 nov. 2020.